

O RIO É MEU E NINGUÉM MEXE: UMA FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO DE MORADORES ALOCADOS EM PEDRO OSÓRIO E CERRITO PARA COM O RIO PIRATINI

ARLINDO AMÉRICO TAVARES MARTINS JÚNIOR¹; SIDNEY GONÇALVES VIEIRA²

¹ UFPel – arlindomartinsjúnior@gmail.com

² UFPel – sid_geo@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Através do registro das narrativas de história oral e memórias de vida dos entrevistados e de seus registros imagéticos, como também, com base na fenomenologia merleau-pontiana como arcabouço filosófico e na geografia humanista como um de seus desdobramentos transdisciplinares, são abordadas as categorias espaciais *lugar* e *paisagem* e suas respectivas imbricações na construção memorial e identitária da percepção de moradores alocados em Pedro Osório e Cerrito – dois municípios situados no sudoeste do Estado do Rio Grande do Sul, no Brasil – para com o Rio Piratini – bacia hidrográfica que separa as duas localidades. As entrevistas compartilhadas, entendidas como fonte de expressão da subjetividade e da percepção dos narradores, são geradas com o intuito de aludir o sentimento de pertença dos moradores para com o objeto enunciado, bem como a ambivalência potencial em que se encontram inseridos – em contrapartida à atual situação do rio, que enfrenta as mazelas da extração mineral e do desmatamento. Neste sentido, situada no campo da Memória Social e do Patrimônio Cultural a pesquisa pretende esboçar um panorama do tratamento concedido pelos moradores ao lugar.

Os municípios de Pedro Osório e Cerrito estão situados na região sudoeste do Rio Grande do Sul e obtiveram sua formação étnica através da contribuição dos guaranis, charruas, minuanos, espanhóis, portugueses, africanos, alemães e italianos. Comunidades simples e com baixo desenvolvimento local, tiveram, em suas histórias recentes, suas atividades históricas, econômicas e recreativas embasadas, sobretudo, no uso do Rio Piratini - bacia hidrográfica que separa as duas localidades. O seguinte capítulo se deterá a especular e descrever as distintas formas que o Rio Piratini serve de suporte para os moradores cerritenses e pedrosorienses entrevistados.

O lugar, conceitualmente, pode ser concebido de diversas formas. Aqui, iremos de acordo com TUAN (1930) que define o espaço enquanto é apreendido, humanizado. O espaço, ao passo que, assume uma organização coordenada centrada no eu, onde o movimento e a percepção dão aos seres humanos seu mundo familiar de objetos. Os lugares quando se tornam significantes, núcleos de valor, ou seja, quando se transformam em lugar, assim que adquirem definição e significação. O lugar é, então, o mundo vivido e desempenha um papel axial na formação das consciências individuais e coletivas. Em confluência com o que nos é conveniente, RELPH (1978) define que não há limites conceituais herméticos entre espaço, paisagem e lugar – lugares têm paisagens e paisagens e espaços têm lugares, sintetizando a complexidade de distinguirmos categorias tão pareadas entre si.

2. METODOLOGIA

Através de entrevistas compartilhadas, que usam a história oral como fonte de apreensão do espaço e do tempo interiorizados pelo narrador (PORTELLI, 2008), é que se fomenta esta investigação, buscando subsidiar o substrato das entrevistas com o enunciado, alicerçando-se na concepção fenomenológica da ciência para por fim relacioná-las à esfera da memória social e do patrimônio cultural. O método fenomenológico-hermenêutico é deveras pertinente para a análise de um texto que exija uma “compreensão vital”, como diz Dilthey referindo-se ao fato de que as formas da cultura, no curso da história, devem ser apreendidas através da experiência íntima de um sujeito. Neste sentido, pensamos ser este um caso de aplicabilidade. Visto que, toda Filosofia é uma “filosofia de vida” (SPOSITO, 2007, p. 37).

A proposta de caracterizar um espaço geográfico a partir de categorias espaciais pressupõe que estabeleçamos critérios para a análise. Dividiremos a abordagem nos eixos: forma; função; estrutura – atores envolvidos; imaginário, concebendo cada um deles como indicadores das referidas percepções. Serão analisadas dez entrevistas, selecionadas devido sua aplicabilidade à temática, produzidas entre 2013 e 2015 com sujeitos selecionados de acordo com as declarações de pertencimento ao lugar e a nutrição de algum elemento interacional com o objeto-sujeito.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Relph (1944) questiona o sentido que os sujeitos atribuem aos lugares através dos conceitos de lugaridade (placeness) e falta-de-lugaridade (placelessness). Devemos compreender a tipologia da apropriação do lugar vivenciada pelo sujeito através dos graus de interioridade que se expressam em sua experimentação – neste caso – através de suas narrativas.

TABELA1 – Tipos de Identificação da Interiorização Humana com o Lugar, segundo Relph (1976)

TIPO DE IDENTIFICAÇÃO	CARACTERÍSTICAS
Interioridade existencial	É o envolvimento mais profundo com o lugar. A pessoa se sente em casa, o lugar é experienciado irrefletidamente.
Exterioridade existencial	A pessoa se sente fora do lugar. Não há envolvimento, o lugar dá a sensação de alienação, de estranheza.
Exterioridade objetiva	Envolve um distanciamento deliberado. O lugar é como um objeto a ser estudado e pesquisado cientificamente.
Exterioridade incidental	Envolve a situação em que o lugar é apenas um pano de fundo, como quando a pessoa se encaminha a outro destino.
Interioridade comportamental	Quando se espera a ocorrência deliberada de um lugar, há um conjunto de elementos, vistas, marcos, que compõe um lugar novo.
Interioridade empática	Quando uma pessoa de fora mostra empatia com aquilo que o lugar registra como expressão dos que o criaram e nele vivem.
Interioridade secundária	A sensação de “segunda-mão”, de experiência indireta, a pessoa é transportada para o lugar via imagem, pintura, filme, mídia de massa.

Fonte: adaptado de SEAMON, David. A singular impact: Edward Relph's Place and Placelessness. Environmental and Architectural Phenonology Newsletter, vol.7, Nº3, 1996, p.5-8.

A referida tabela servirá de escopo para a tabulação de dez entrevistas selecionadas pelo autor. A partir desta tabulação a pesquisa de campo será dividida em quatro eixos que guiarão a abordagem da relação dos moradores suscitados para com o Rio Piratini: i) forma – onde se abordará as questões históricas e morfológicas no que se refere aos municípios de Pedro Osório e Cerrito e ainda na congruência da relevância da bacia hidrográfica para os relativos processos de formação territorial e seus aspectos históricos e sociais; ii) função – sendo que, nesta etapa, a pesquisa se centrará nas atividades que foram ou estão sendo desenvolvidas e que são materializadas pela atividade humana. A edificação das pontes, a construção e a manutenção do Camping Municipal, as arguições de santuários, a extração mineral, a agricultura, a produção oleira, entre outros fenômenos compõe este apanhado. O levantamento de caráter bibliográfico será feito através de produção científica concernente, sobretudo na área da Geografia, através do texto Inundações Urbanas nos municípios de Pedro Osório e Cerrito (TELLES, 2002) que faz a identificação geomorfológica do rio e de seu entorno. Além das informações obtidas no estudo de campo, também serão trazidas imagens e narrativas recortadas do Jornal “A Opinião”, periódico local que abrange historicamente as três últimas décadas; iii) uso contemporâneo – onde serão identificados os sujeitos entrevistados, através de suas considerações e declarações. Mais do que descrever as aparências, a fenomenologia prevê mencionar as aparições. A construção subjetiva dos narradores é axial em suas construções epistemológicas e identitárias. A objetivação de suas realidades cotidianas e matérias também são elementos que determinam essas relações e; iv) imaginário onde são analisadas representações artísticas e religiosas que o rio é suporte. Também foram executas oficinas de produção textual com os alunos da Escola Estadual Getúlio Vargas. O material construído nessas oficinas – composto pelos textos redigidos pelos participantes e as gravações audiovisuais - também será abordados na categoria “imaginário” por referir-se a um período temporal futuro. A indagação que moveu os encontros foi denominada “Que rio queremos?” justamente para poder balizar a atual situação do rio e sua devida salvaguarda para um futuro próximo.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa, que comporá dissertação homônima, encontra-se em fase final, sendo que os dados tabulados estão sendo analisados e o texto final encontra-se em fase redacional. O recorte de seu tema e seu arcabouço teórico, escolhidos de acordo com a subjetividade do autor e pela respectiva aplicabilidade, trata um problema contemporâneo, que permeia a vida cotidiana dos moradores de duas porções territoriais situadas em um eixo interiorano. Representa a polissemia de um viés da ciência contemporânea que possibilita a evocação daqueles que anteriormente não eram ouvidos.

A interdisciplinaridade, área em que este trabalho pretende se classificar, tem servido para incorporar ao conhecimento científico novas práticas e teorizações, unificando semânticas e operações que transcendem as disciplinas tradicionais, pressupondo um novo olhar. Um olhar que não dá conta de captar a supremacia da ciência positivista e objetivista. Neste resumo se faz presente a abertura da possibilidade de convergir teorias e técnicas que parecem se legar pertinentes; a saber, a chamada fenomenologia do corpo, a geografia humanista e a história oral para construir uma alusão ao fenômeno mencionado.

A geografia humanista alude a relação do homem com a terra através de seu caráter construtivo e da mesma forma incute a ascendência da subjetividade. A metodologia da história oral permite que essas relações sejam expressas e investigadas através dos discursos que se constroem nessa ‘inter-ação’. O relato nasce do encontro entre dois sujeitos que produzem uma narração onde os conteúdos da memória são evocados e organizados verbalmente no diálogo interativo. Assim, o papel do pesquisador, “mais do que ‘recolher’ memórias e performances verbais” e imagéticas, deve ser o de “provocá-las e, literalmente, contribuir com sua criação: por meio da sua presença”. (PORTELLI, 2010).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARLOS**, Ana. *O lugar do/no mundo*. São Paulo, Hucitec. 1996.
- GEERTZ**, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.
- HALL**, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. São Paulo, 2005.
- JAPIASSÚ, H; MARCONDES,D.** *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro. Zahar. 1996
- KOZEL TEIXEIRA, S.** *As representações no geográfico*. In: Francisco Mendonça e Salete Kozel. (Org.). Elementos de Epistemologia da Geografia contemporânea. 20 ed.Curitiba: Editora UFPR, 2002, v. 1, p. 215-232.
- MERLEAU-PONTY, M.** *La structure du comportement*. Paris, Gallimard. 1972 [1942]
- _____. *Fenomenologia da percepção*. (Traduzido por Carlos Alberto Ribeiro de Moura). São Paulo, Martins Fontes. 1994 [1945]
- _____. *O olho e o espírito*. (Traduzido por Marilena de Souza Chauí). In: Merleau-Ponty. São Paulo, Abril Cultural. 1984a [1960]
- PORTELLI, Alessandro.** *A filosofia e os fatos. Narração, significados e interpretação nas memórias e nas fontes orais*. *Tempo*. Rio de Janeiro, vol.1, n. 2, p. 59-72, 1996.
- PORTELLI, Alessandro.** *Ensaios de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- POULOT, D.** *Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII – XXI*: do monumento aos valores. São Paulo: 2012.
- PUNTEL, G.** *A paisagem na geografia*. In: VERDUM, R. et al. (Org.). Paisagem: leituras, significados e transformações. 1ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2012, v. p. 23-33.
- RELPH, E.** *As bases fenomenológicas da geografia*. Geografia, v.4, n.7, p.1-25, abr. 1979.
- SPOSITO, E.** *Geografia e Filosofia*. São Paulo. Unesp. 2004
- TELLES, Rossana.** *Inundações Urbanas nos municípios de Pedro Osório e Cerrito*. Porto Alegre. UFRGS. 2002.
- THOMPSON, P.** *The voice of the past: Oral History*. Oxford. Oxford University Press. 1988.
- TILLEY, C.** *Do corpo ao lugar à paisagem*. In: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica. Vol. 8 junho de 2014.
- TUAN, Y.** *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1974. 288 pp.
- TUAN, Yi.** *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983. 250 pp.